



**Universidade Federal do Amapá  
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia  
Disciplina: Filosofia da Educação I  
Educador: João Nascimento Borges Filho**

***Pequena Introdução à Filosofia da Educação:***

**A Escola Progressista ou a Transformação da Escola, de Anísio Teixeira**

**Edna M. Magalhães do Nascimento**

**Universidade Federal do Piauí (UFPI)**

O livro de Anísio Teixeira (1900-1971) – "Pequena Introdução à Filosofia da Educação..." foi publicado pela primeira vez em 1934, sendo posteriormente redefinido quanto à natureza do seu título original, que se chamava Educação Progressiva: uma introdução à Filosofia da Educação. O autor discute o sentido da Educação progressiva e a identifica como sendo filiada a uma orientação filosófica mais geral, que se consubstancia numa filosofia social.

Toma, portanto, o princípio da vida Democrática formulado por John Dewey, enquanto paradigma da educação de uma sociedade moderna, cujo conceito de atuação e experiência estende-se como o fundamento da vida ativa. Optou por designar este estudo como sendo uma introdução à filosofia da educação, pois a noção de escola progressista identificada no título é decorrente da filosofia da educação, fundada no conceito de experiência. Então, em face às múltiplas interpretações dirigidas no contexto do movimento de renovação pedagógica iniciado na década de 30 sobre a escola progressista, Anísio Teixeira, decidiu inverter esta denominação, dando no título final a ênfase à filosofia propriamente dita.

O objetivo do autor era afirmar primeiro uma orientação teórica geral sobre o homem e a sociedade, para inferir daí, uma educação de base progressista e democrática. A edição apreciada trata-se de uma publicação, datada de 1978 e editada pela Companhia Editora Nacional, sete anos após a morte do educador. O trabalho a partir de sua concepção inicial situa-se na conjuntura das mudanças sociais e conseqüentemente educacionais



impulsionadas pelo desenvolvimento da nova sociedade do início do Século XX - a sociedade moderna e industrial, cuja promessa civilizadora irá refletir-se no debate sobre o movimento de renovação educacional.

Em a "Pequena Introdução...." nos deparamos com um texto coloquial, dirigido ao grande público e não apenas aos iniciados na filosofia da educação. O autor estabelece as bases filosóficas conceituais que traduzem as mudanças que se operam na prática pedagógica e vai discorrendo com uma acuidade intelectual privilegiada, sobre o momento histórico relativo ao começo do século XX, situando os desafios colocados, antevendo com muita sensibilidade o impacto das mudanças que a modernidade iria impor às políticas governamentais, e deste modo, ao papel que a educação deveria desempenhar no processo de modernização do país.

Não apenas a modernização técnica, mas a compreensão de novos valores que precisariam nortear a vida humana numa sociedade complexa. Estes valores, na visão de Anísio, só seriam possíveis se esta nova sociedade tomasse para si o princípio da democracia. Não somente como forma de governo, mas como experiência de vida, e a escola neste sentido, ocuparia o papel fundamental de educar os brasileiros para uma sociedade democrática.

No primeiro capítulo, temos a sensação de tratar-se de um texto atual, pois tamanha são as semelhanças, com as devidas proporções, entre os processos históricos do começo do século XX e do seu final, no mundo pós-moderno. A obra discute as mudanças de paradigmas em relação aos modelos até então tidos como eficientes ou eficazes na educação das futuras gerações, isto é, o modelo da educação convencional ou clássica, de caráter intelectualista e fundado na rígida disciplina moral.

O ponto de vista do autor é preenchido pela relativização entre as posturas reacionárias e renovadoras. Embora fale em meio a um turbilhão de mudanças, nos legou uma serenidade própria do filósofo que é capaz de distanciar-se para dar conta da problemática de maneira mais racional. O autor se reporta às duas posturas identificadas (reacionárias e renovadoras) como sendo, típicas de processos de mudanças históricas. E analisa a posição dos conservadores e dos renovadores; os primeiros contrários à rapidez das mudanças e do significado destas novas posturas educacionais, lançam toda sorte de desconfiança às novas diretrizes da educação ativa, e os últimos



embalados na onda mudancistas, podem descaracterizar a feição da escola livre. Ao Analisar tal polêmica entre reacionários e renovadores e relativizar estas possíveis dicotomias, o filósofo busca no seu exercício intelectual o equilíbrio significativo da mudança.

O segundo capítulo trata da temática relativa a transformação da escola, e assim, ele vai construindo a discussão a partir do próprio significado dado à Escola Nova ou escola progressista. O autor é muito mais simpático à denominação de escola progressista, aliás, uma vertente do movimento escolanovista, originária da filosofia de Dewey.

A escola progressista é própria de uma civilização em mudança permanente e ordenada por um conhecimento fundado numa ciência que também está em constante transformação. O que segundo o autor se chamaria de escola nova é a escola transformada resultante deste processo de transformação, ou seja, ela é uma conquista. Portanto, a ideia de Escola Nova é o fruto de uma sociedade que sofreu profundas mudanças em seus aspectos “econômicos e sociais, graças ao desenvolvimento da ciência” e com ela se transformou numa instituição de base e apoio para esta mesma sociedade.

Feito o esclarecimento quanto ao sentido da escola renovada, a seguir o autor toma algumas premissas fundamentais da tese da nova escola. Estabelece o caráter dinâmico das organizações humanas e elabora uma análise antropológica sobre o papel humano na reconstrução material do ambiente e na reconstrução também do ambiente social e moral.

A responsabilidade humana de renovação traz a marca da nossa condição, que desafiando as ordens estabelecidas, seja religiosa, política, social, o homem ensaia sempre um mundo moral e social novo. À luz dos julgamentos das experiências este vai se construindo ou fazendo-se. E sob este ponto de vista, a revisão, indagação e a interrogação sobre a realidade circundante, assume um caráter fundamental.

Por isso, a filosofia da educação em Anísio Teixeira “indica que é preciso educar o homem para ele indagar e resolver por si os problemas; e também conceber escolas que preparem não apenas para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente desconhecido”. As bases desta filosofia estão na capacidade de formar pessoas autônomas e independentes, com competências para resolver problemas e buscar soluções. A escola tradicional



formava para um mundo estático e simples; a nova escola dirige-se à uma sociedade complexa e em constante mudança e a natureza da civilização deste tempo, segundo Anísio, é a da experimentação científica. Aqui o autor expõe a sua crença no desenvolvimento técnico e científico embasado no discurso da "modernidade esclarecida" e concebe a educação como a possibilidade da redenção cidadã e moral. Este dado é fornecido através da afirmação: "A velha atitude de submissão, de medo e de desconfiança na natureza humana foi substituída por uma atitude de segurança, de otimismo e de coragem diante da vida".

O mais curioso nesta obra é a capacidade do autor antever o modelo desta sociedade dita científica e propor para a mesma algumas regras fundamentais. Anísio fala na sua obra na "grande sociedade" que estava se constituindo e na necessidade de se preparar pessoas inteligentes para este mundo moderno. Aqui é possível fazer alusão ao momento presente e às tentativas teóricas de se compreender a sociedade globalizada à luz de novos referenciais que não àquelas de uma "razão instrumental" como denunciava os autores da teoria crítica. Anísio elabora uma análise da sociedade tecnológica brasileira no seu nascedouro com a genialidade de perceber as grandes transformações que iriam surgir neste processo.

Ele discute as alterações que se processaram no modelo familiar, no trabalho, faz à crítica a superespecialização, ou seja, embora defenda a sociedade científica não é um descuido da análise crítica dos rumos que a ciência tomava. Nesta análise discute as três diretrizes da sociedade moderna: A nova atitude espiritual do homem, o industrialismo e a democracia, e aponta que estas tendências irão impor profundas transformações na escola. Tomando por base estas diretrizes sociais que impulsionarão a mudança escolar, a transformação da escola, passa pela transformação no sentido do ensinar e do aprender, portanto nas bases psicológicas e didático-metodológica da atividade escolar.

O sentido do aprender é resultado de uma situação real de experiência; A aprendizagem se dará a partir do grau de satisfação que esta proporcionará. Fundamentando em Dewey e Kilpatrick, o autor nos diz que a escola deve valorizar a vida e a experiência; a escola precisa ser ativa, provocar o exercício da atividade, pois atividade é vida, por isso a defesa da escola ativa, Nesta



escola os professores precisam gostar e respeitar as crianças; a finalidade da educação é a finalidade da vida. A partir da discussão sobre o sentido do educar e as bases metodológicas, Anísio especifica nas Diretrizes da educação - capítulo III, o papel da criança como centro da pedagogia, o respeito pela personalidade infantil e a necessidade de reconstrução dos programas escolares. As modernas teorias da educação passam a privilegiar o enfoque formativo sobre a infância, tal foi a ênfase na organização psicológica das matérias escolares.

Elabora uma análise sobre as relações entre educação e sociedade para enfatizar que a educação é uma atividade humana decorrente do aparecimento da inteligência no universo, pois esta refere-se a experiência do conhecimento, traduzido no processo de apropriação e transformação da realidade, ou seja, na experiência. A Educação é o esforço de redireção da própria natureza, segundo Anísio, "natureza que se faz arte". A Educação é "um processo de contínua reorganização e reconstrução da experiência". A tônica deste capítulo (IV) é investir na reflexão de caráter social sobre o conceito de educação.

Os dois últimos capítulos são reservados às discussões de natureza filosófica - ética e epistemológica, a partir do viés teórico do autor, ou seja, da tradição pragmatista americana de Dewey e Williams James. No entanto é possível identificar na discussão teórica do autor, vários outros interlocutores. No texto "A conduta humana", Anísio desenvolve um ensaio muito refinado sobre a crítica aos preceitos de uma moral conservadora de natureza metafísica, que toma a ideia de bem e mal como conceitos inatos, decorrentes de uma índole natural.

O autor em um dado momento nos parece leitor de Nietzsche ao criticar a moral convencional e preconceituosa. Esta submete o homem a uma vida cega e obediente e é incompatível com o princípio da moral autônoma. A felicidade é o momento presente, não é algo fora do homem, ou que se busque num futuro remoto ou numa vida extraterrena, a felicidade é a atividade da vida. Segundo o filósofo o homem deve tranquilizar-se quanto à felicidade, ela será dada pôr acréscimo, se conseguir dar à atividade essa feição compreensiva e unificada, para ele: "A ansiedade e a dor não desaparecerão da Terra. Nem uma, nem outra podem, entretanto impedir a felicidade desde que sejam compreendidas como partes intrínsecas da vida."



Por último o autor realiza, com a filosofia, o fechamento da obra, percorrendo sobre o significado desta e a visão hegemônica da tradição ocidental grega, quando se postulou apenas justificadora lógica das práticas. Anísio parece aproximar-se do legado filosófico dos sofistas, que recuperados hoje por novas interpretações, acredita-se que atuaram de forma mais engajada ou prática no exercício do fazer filosófico, que os teóricos consagrados pela historiografia filosófica. Para Anísio, o papel da filosofia desde sua origem era o explicar racionalmente o significado dos fatos reais à luz dos procedimentos intelectuais.

Pensando a partir de Dewey, a filosofia historicamente não pôde ser compreendida como uma atividade desinteressada do espírito. Assim, o autor confronta este conceito com a análise do real, real histórico, para fazer a crítica ao formalismo filosófico. No entanto ele não prescinde da filosofia, reclama sua exigência na sociedade moderna, distinguindo-a da ciência: "Se a filosofia é a indagação que devemos tomar diante das incertezas e conflitos da vida, filosofia é, realmente como queriam os antigos, a mestra da vida. É exatamente porque há dúvidas e incertezas que temos necessidade da filosofia". Assim estas incertezas estarão presentes nos projetos humanos, pois são dinâmicos e instáveis.

Desta forma refletir sobre a experiência humana no processo formativo é estar fazendo filosofia. E concordando com Dewey o autor conclui que se "a educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem, emocionais e intelectuais, para com a natureza e os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação", então a filosofia da educação não é, pois senão o "estudo dos problemas que se referem à formação dos melhores hábitos mentais e morais em relação às dificuldades da vida social contemporânea."

Este texto é um comentário do livro: *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressista ou a Transformação da Escola*, de Anísio Teixeira, 8ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

*Prof. Borges*

